

O Roteirista sem História

Dag Bandeira¹

Conhecendo os riscos de o diretor preterir seu texto, privilegiando escritores mais convincentes, Tuca Moraes tomou a grande decisão da vida: buscar credibilidade para seus roteiros, escrevendo-os na Praça dos Sagüis. Lugar arborizado, bucólico, cheio de pessoas bonitas, de bebês encantadores, sem falar nas babás bem dotadas de corpo.

Na manhã da primeira segunda-feira útil do ano, bem propícia às grandes mudanças e a novos propósitos, Tuca, depois de tomar um café simples adoçado com uma tonelada de açúcar mascavo, escreveu um bilhete para a esposa que ainda dormia. Justificava a ausência repentina. Rabiscou num pedaço do saco de papel, o invólucro da sobra do pão do dia anterior: “Fui buscar inspiração, quando encontrá-la, volto. Beijos, Tuca”. Prendeu o bilhete na geladeira, pegou seu *laptop* e saiu convicto da excelente decisão tomada.

No ano anterior, o único sucesso conseguido por Tuca foi o acúmulo de dívidas: cartão de crédito, empréstimos bancários e contas atrasadas. Em agosto, após ganhar um prêmio de melhor roteirista em um festival, por coincidência, também perdeu o emprego de colaborador do jornal para o qual escrevia. Não se importou muito. Entusiasmado com o reconhecimento de seu texto, viu a possibilidade de trabalhar só como *freela* para teatro, cinema e talvez TV. Mas, em casa, muitas vezes era interrompido pelas nobres questões domésticas, por isso achou melhor afastar-se do lar.

Ao chegar à praça, escolheu um recanto sossegado. Não queria ser abordado por pessoas intrusivas. Sentou-se na grama e recostou-se em uma tora envernizada de árvore, parte da decoração daquele espaço de lazer. O local era de difícil acesso. Logo à sua frente, um lago cheio de vitórias-régias estreitava a passagem entre o próprio lago, o artefato decorativo e a grade de proteção da praça.

Tuca esperou alguns segundos para seu computador iniciar e, enquanto isso, se concentrou no movimento do local. Não cabia em si de contentamento. Começou:

“SEM TÍTULO”

CENA I

PRAÇA. EXTERIOR. MANHÃ

¹ Dagmar Bandeira e Silva é mestre em Linguística Aplicada, Interação e Discurso (UFRJ), especialista em Língua Inglesa (UFRJ) e bacharel e licenciada em Português-Ingês e suas respectivas Literaturas (FAHUPE). Professora Assistente de Português e Língua Inglesa dos cursos de Graduação da Universidade Estácio de Sá. e-mail: dagbandeira@terra.com.br

Praça de um bairro da Zona Sul

“Não, muito óbvio”, achou. “Devo escrever primeiro uma sinopse, pareço um novato”.

Ao começar a digitar, algo hilário chamou-lhe a atenção.

Dois jovens adultos portadores de esculturas corpóreas das mais invejáveis aproximaram-se de um banco bem próximo ao oásis de Tuca. Começaram a fazer alongamento. A mulher, com voz estridente, chamava alguém de nome Josefa. Gritava, enquanto girava seu tronco ao mesmo tempo em que mantinha os braços suspensos à altura dos seios. Tuca, extasiado com a façanha, não sabia se apreciava a criação divina, ou se se contorcia de dor, dada à elasticidade da moça. O rapaz, de atitudes mais comedidas, parecia reclamar da altura do chamado. Tentando encostar o pé direito na região glútea também direita, levou à boca o dedo indicador esquerdo em riste.

Fazendo uma careta, Tuca sacudiu a cabeça, como se quisesse espantar pensamentos não politicamente corretos e voltou-se para o *laptop*. Mas, Josefa, e só podia ser a tal Josefa, surge entre correndo e freando. Segurava uma linda menina em uma das mãos e, na outra, uma guia presa à coleira de um Setter Irlandês gigantesco, sem falar no bebê grudado em seu colo, sustentado por um *baby sling* amarrado com firmeza.

Essa chegada triunfal foi comemorada com uma frase espetaculosa, proferida pela jovem. Caso Tuca tivesse um diapasão, poderia confirmar a reincidência do timbre agudo.

– Queridiiiiiiiiinhos da mamããããããããe! – exclamou a jovem, ao mesmo tempo em que, com um carinhoso abraço ao Setter Irlandês, parecia desejar envolver toda a família com seu afeto, inclusive Josefa. Sim, Josefa, a babá, usando uniforme branco, também distraiu a atenção do escritor. Ah! O uniforme parecia ter sido modelado para realçar-lhe as curvas.

Tuca sentiu o fígado pulsar, ao produzir talvez, pensava ele, “uma quantidade de bÍlis um pouco maior do que o normal”.

O roteirista sem idéias, um pouco nervoso, reconsiderava a decisão tomada. Estava ali, pelo menos há uma hora, sem contar os minutos de caminhada do prédio à buliçosa e não mais bucólica praça. Num esforço hediondo, uma vez que quase todos os seus órgãos vitais começavam a manifestar-se contra a brilhante idéia, tentou concentrar-se no texto. Digitou:

SINOPSE

Um roteirista sem inspiração vai a uma praça, longe do tumulto do seu lar, para tentar escrever. Observando o cotidiano dos freqüentadores daquele local, começa a narrar a história de um casal que ia lá para correr, embora levasse duas crianças a babá e um cachorro. Esta conjuntura atrapalhava bastante a intenção desportiva do casal. (...)

Absorto no trabalho estremeceu ao ouvir um estalido seco, seguido de um vozerio. Levantou a cabeça e seus ouvidos incrédulos testemunharam o diálogo dos jovens. Atento, pensando em, quem sabem, tirar algum proveito da dialética amorosa, parou de escrever.

– Tá achando o quê? Quando eu quiser te chifrar, você não vai estar por perto, cara. Não posso mais olhar pra ninguém? Compra uma viseira de burro e me dá de presente. Sabe o que mais, tô de saco cheio. Vou pra casa.

– Pode ir vadia, da próxima vez, não vai ser só um tapa na cara, não. Vamos embora. Todo mundo.

As crianças choravam em uníssono, no mesmo tom da voz da jovem ginasta. Após o incidente, o casal retirou-se da praça.

“Quão efêmera a paz, quão frustrante as boas intenções!”, Tuca lembrou-se do clichê antigo. Aborrecido, não sem antes ter o cuidado de salvar o início da sinopse, fechou o *laptop*. Cabisbaixo, voltou. Ao abrir a porta do apartamento, sentindo-se culpado por ter considerado o aconchego do lar um ambiente de pouca inspiração, foi logo recebido pelo poodle do filho. Agitado, latia esganiçadamente, como se também desejasse castigá-lo. A sonoridade do ladrar era, nada mais nada menos, que a mesma da jovem desportista. Tuca sentia, cada vez mais, a espinha dorsal enrijecer-se. Afastando Lulu com os pés, entrou em casa desesperado, à procura de algum tipo de analgésico para aliviar o *stress*. Quando ia entrar no banheiro, local onde alguns medicamentos eram mantidos, ouviu a voz de Nora, sua mulher. Um calafrio percorreu todo seu corpo. Não podia acreditar. “Aquela voz. Não podia ser, era a mesma...” e não teve coragem de concluir o pensamento.

– Onde você foi? Que história é esta de procurar inspiração longe de casa? No meu tempo a palavra era outra. – dizia essas coisas aos berros, provocando também o choro estridente do filho de dois anos.

Tuca deteve-se, por alguns segundos, com as mãos entrelaçadas, evitando que uma dela procurasse o rosto de Nora. Sem lhe responder, colocou o bebê nas costas, levou-o consigo para o escritório. Enquanto o menino distraía-se com alguns brinquedos lá deixados, abriu outra vez o *laptop* e conclui a sinopse:

(...) Discussões entre eles, choro dos filhos e latidos do cachorro eram o sabor agridoce daquela atividade degustada pelo escritor. Ao chegar o dia de ficar em casa para fazer a última revisão, antes de enviar o texto para apreciação do diretor da peça, surpreendeu-se, quando descobriu que havia contado, nada mais nada menos, que sua própria história: aquela que não o inspirava.

Ao terminar, lembrou-se do filho. Descobriu-o dormindo plácido, no tapete junto aos brinquedos. Com cuidado, o levantou do chão, o colocou nos braços e o levou para o quarto. De volta ao escritório, teve calma para rever a sinopse.

Ao terminar a leitura, Tuca chorou de raiva. Atordoado, remexeu em alguns livros e encontrou entre eles um recorte do jornal do dia anterior. Discou um número de telefone. Por fim, conseguiu um emprego. Seria arquivista na Academia Brasileira de Letras.